http://acervo.estadao.com.br/pagina/#!/19940402-36690-nac-0011-cid-...

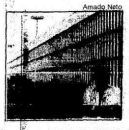
O ESTADO DE S. PAULO

Cidades/Esportes

DESTAQUE O CADERNO DE

SÁBADO, 2 DE ABRIL DE 1994

Amado Neto



Fábrica de tratores não paga direitos e ex-empregados pedem intervenção. Pág. 4

Wilson Melo/AE

O casal Pastore enfrentou filas para comer o bacalhau da Sexta-Feira Santa. Pág. 3

Lista de Castor aponta lobby no Congresso

Promotores que analisam o material apreendido suspeitam que o poder dos contraventores já atuaria em Brasília para legalizar o jogo e impedir que ele fosse explorado por empresas de informática

MAURÍCIO MENEZES e RENATO HOMEM

RIO — Os 60 disquetes de computador apreendidos na fortaleza do bicheiro Castor de Andrade, no subúrbio de Bangu (Zona Oeste), na quarta-feira, podem levar à confirmação da existência de um lobby dos contraventores no Congresso Nacional, para a legalização do jogo do bicho e a abertura dos cassinos no Brasil. Segundo um dos promotores que analisam o material apreendido, existem indícios de que o esquema de distribuição de propina dos bicheiros não se limitava a policiais, políticos, jornalistas e personalidades do Rio. O poder dos contraventores já atuaria em Brasília, principalmente para impedir que, legalizado, o jogo do bicho fosse explorado por empresas de informática.

PROMOTOR ACREDITA QUE REDE DE CORRUPÇÃO FOI MONTADA HÁ MAIS DE 30 ANOS

Os disquetes começaram a ser analisados ontem por promotores de Justiça e oficiais da Polícia Militar, na sede da Escola de Formação de Oficiais da PM. Os promotores estão certos de que chegaram a uma espécie de "QG da contabilidade" da contravenção no Rio. Em duas mansões de Castor de Andrade, que é o líder da contravenção no Rio, estavam guardados documentos que revelariam o esquema de funcionamento do jogo do bicho no Rio e os que acobertavam essa prática.

"As investigações estão só começando e vão dar muitos desdobramentos", afirmou o promotor Antônio José Campos Moreira, chefe de Gabinete da Procuradoria Geral de Justiça. Moreira negou que os nomes do prefeito César Maia e do vice-governador Nilo Batista fizessem parte da lista encontrada numa das fortalezas de Castor.

Segundo Moreira, deverá ser pedida a quebra do sigilo bancário, fiscal e telefônico de todas as pessoas citadas nos documentos. O nome e telefone da modelo Lilian Ramos estavam na listagem. Também foram encontrados nomes de agentes da Polícia Fazendária, responsável pela repressão ao contrabando. "Toda essa rede de corrupção começou a ser montada há mais de 30 anos", destacou o promotor.

Os dez promotores que atuam no caso mostraram-se impressionados com a quantidade de material contrabandeado para máquinas de videopóquer que foi encontrado numa das casas de Castor. Para eles, tudo só poderia ter entrado no Brasil com a conivência de alguém de muito poder na Polícia Federal.

O QG da contravenção funcionava no número 1.040 da Rua Fonseca. A casa, de dois andares, possui muros e paredes em pedras de mármore, e se destaca das demais construções pelo sistema de segurança. No portão principal, um sofisticado sistema de comunicação interna permite anunciar a presença de visitantes indesejáveis. Policiais militares estão encarregados da segurança do local, que os vizinhos apelidaram de "toca do Castor".

Tasso Marcelo/AE

"Toca do Castor": policiais agora vigiam o QG da contravenção

Relação mostra o valor da "mesada" paga a cada um

RIO — A lista encontrada entre os livros de controle das propinas pagas pela contravenção pode ter 150 nomes e desses pelo menos 50 são de políticos. A relação também apresenta o valor da "mesada" que era paga aos subornados. Os nomes mais citados são de chefes das Polícias Civil e Militar.

Entre eles estão o do delegado Elson Campelo, ex-diretor do Departamento Geral de Polícia Especializada (DGPE); Antonio Nonato da Costa, diretor da Delegacia de Repressão a Entorpecentes (DRE), e Joel Vieira, ex-subsecretário de Polícia Civil, todos afastados dos cargos, no ano passado, por acusações de enriquecimento ilícito. Eles aparecem várias vezes nas listagens e receberiam "mesadas" em valores que variam de US$ 5 mil a US$ 20 mil.

Também estão na lista o advogado Luiz Eduardo Frias de Oliveira, ex-chefe de gabinete da Secretaria de Polícia Civil, e o atual diretor do Departamento Geral de Polícia da Baixada Fluminense, Paulo Souto. Enquanto o primeiro receberia mensalmente US$ 15 mil, Souto teria ganho propina de US$ 4 mil mensais.

De acordo ainda com a documentação, para a Divisão Anti-Sequestro (DAS) eram destinados CR$ 120 mil mensais e para a Delegacia de Roubos e Furtos (DRF), CR$ 150 mil. Outros beneficiados seriam o cantor Agnaldo Timóteo, que receberia US$ 5 mil, o jornalista Washington Rodrigues, da *Rádio Globo*, o advogado Tércio Lins e Silva, ex-secretário de Justiça, e o coronel Manoel Elysio Filho, secretário de Polícia Militar no governo de Moreira Franco.

(Happy Carvalho)

ABUSO SEXUAL

Clóvis Cranchi Sobr/AE

Com o nome no chão: placa com a inscrição Escola de Educação Infantil Base foi a primeira coisa que o grupo arrancou e danificou

Escola Base é depredada por vizinhos

Revoltado com as acusações de violência sexual contra alunos, grupo destruiu colégio

MARCELO FARIA DE BARROS

Um grupo de 30 pessoas — na maioria rapazes liderados por Paulo Henrique de Lemos, de 29 anos, filho de um promotor aposentado — depredou ontem a Escola de Educação Infantil Base, na Rua Oliveira Peixoto, 209, na Aclimação, Zona Sul de São Paulo.

A revolta foi em represália às denúncias de que funcionários da escola estariam submetendo alunos a sessões de orgia sexual, nas quais eram violentados e drogados. Após expulsar o vigia do prédio, o grupo derrubou a placa com o nome do colégio, atirou coquetéis molotov e invadiu o prédio destruindo o que encontrava pela frente.

Os depredadores eram, na maior parte, vizinhos e parentes de alunos. Eles arrebentaram portas, janelas, mesas, armários e vidraças da escola. Já no interior do prédio, explodiram várias bombas juninas feitas com tubos plásticos de PVC. Nem os dois anãozinhos que enfeitavam o muro alto de entrada foram poupados.

A invasão, segundo eles próprios, começou às 22h30 de anteontem. O sinal foi um aviso dado por meio de um interfone ao único segurança presente. "Saia daí que você vai morrer", foi o alerta. O vigia, que não foi identificado mas que pertence ao 7º Batalhão da Polícia Militar, disse que chegou a ligar aos seus colegas da corporação.

Liberados — "Com a chegada de um carro da PM, o grupo se dispersou e resolvi ficar na casa", contou o vigia aos policiais do 6º Distrito, no Cambuci. "Logo depois eles voltaram e eu, armado apenas com um revólver calibre 38 de seis tiros, resolvi fugir, temendo ser linchado."

Os invasores permaneceram na escola durante toda a madrugada. Segundo a polícia, eles destruíram móveis e as fichas dos alunos, quebraram geladeiras, roubaram alimentos e também um videocassete e um aparelho de som. A PM chegou a prender sete depredadores, inclusive Paulo Henrique de Lemos, apontado como líder da invasão. Eles foram levados para o 6º DP mas, em seguida, liberados.

Clóvis Cranchi Sobr/AE

Destruição na escola denunciada por abuso: aviso pelo interfone

Líder do grupo afirma que PMs assistiram ao ataque

O perueiro Paulo Henrique de Lemos, de 29 anos, filho de um promotor de Justiça aposentado, garantiu ontem que o grupo de depredadores contou com a cumplicidade da Polícia Militar durante a ação. "Quando nós já tínhamos entrado na escola, surgiu um carro com dois PMs", contou. Segundo ele, os soldados quiseram saber quem do grupo tinha atirado os coquetéis Molotov na escola nos dias anteriores. "Quando dissemos, eles afirmaram que o atirador era muito ruim de pontaria."

SEGUNDO ELE, INVASÃO FOI PLANEJADA

Lemos garantiu que o mesmo carro com os dois PMs ficou num extremo da Rua Oliveira Peixoto, dando cobertura aos depredadores durante toda a madrugada.

"Quando surgia alguém, eles davam o alarme ligando a sirene e nós fingíamos que estávamos passando por acaso na rua, para não despertar suspeitas." O perueiro disse que, pela manhã, ao deixarem o prédio da escola, os policiais deram um último recado. "Eles disseram que a gente devia ter incendiado a escola."

Paulo Henrique de Lemos se vangloriava ontem por ter liderado a depredação. Lemos afirmou que a decisão sobre o ataque foi tomada em consenso. "Ficamos revoltados ao saber do que vinha acontecendo com as crianças, nos reunimos e decidimos quebrar tudo." **(M.F.B.)**

Mãe denuncia mais um caso contra garoto

Uma nova denúncia de abuso sexual contra os proprietários e professores da Escola de Educação Infantil Base, Maria Aparecida Shimada e Isushiro Shimada, chegou ao conhecimento ontem dos policiais do 6º Distrito Policial, no Cambuci. A mãe de um menino identificado apenas por R., de 4 anos, ligou para a polícia informando suspeitar de que o filho também tivesse sido vítima de violência sexual.

A mulher contou ter recebido um folheto de uma outra escola oferecendo matrículas para crianças. Ao ver o papel, seu filho perguntou o que era aquilo e ao responder, o menino indagou: "Será que essa escola dá aula de educação especial como a minha?"

A mãe estranhou e quis saber como era a aula. R. respondeu que uma professora, de nome Célia, o obrigou a tirar a roupa e que a mulher teria tocado nele, enquanto beijava seu corpo. O menino contou que um "tio" ajudou a professora a tocá-lo.

Indignada, a mulher ligou para polícia e foi orientada a ir à delegacia na segunda-feira, com o filho, para prestar depoimento. O delegado Edélcio Lemos, titular do 6º Distrito, confirmou ontem que vai ouvir, além dessa mãe de aluno, outras testemunhas.

Os proprietários da escola, Maria Aparecida Shimada e seu marido Isushiro Shimada, estão desaparecidos. Os outros dois acusados de abusar sexualmente das crianças, obrigando-as a participar de orgias sexuais, são o perueiro Maurício Monteiro Alvarenga e sua mulher Paula Milhim Monteiro Alvarenga. Eles também não foram encontrados na casa onde moram na Vila Mariana, na Zona Sul. Segundo vizinhos, o casal não aparece na residência desde o começo da semana. Eles têm duas filhas que estudam em um colégio particular no Ipiranga, na Zona Sul. Paula é filha do advogado Nézio Milhim, assassinado em 1990, durante um assalto.

A polícia apura a informação de que Paula seja freqüentadora do Ferro's Bar, no Centro, conhecido por sua clientela gay, e que seu marido seja dono de um bar que explora a prostituição na Rua da Glória, no Centro. **(M.F.B.)**

ACERVO O ESTADO DE S. PAULO Copyright © 1875-2012. Todos os direitos reservados